OBSERVATÓRIO DE GÊNERO: JORNALISMO E MERCADO DE TRABALHO A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO DE PONTA GROSSA

Kethlyn Tainá Lemes (PIBIC/CNPq), Paula Melani Rocha (Orientador), kethlyn93@gmail.com, paulamelani@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Comunicação/ Jornalismo

Palavras-chave: Conhecimento, Processos de Produção, feminização.

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo aferir a cobertura de pautas com viés de gênero, pela perspectiva das representações gênero em diferentes veículos da cidade. Coloca-se em discussão a perspectiva de gênero e sua relação com as transformações no mercado de trabalho em Jornalismo considerando os processos e inovações tecnológicas, os agentes envolvidos e o conhecimento em Jornalismo articulados ao gênero. Analisou-se veículos jornalísticos de Ponta Grossa.

Introdução

O jornalismo é um espaço de trabalho historicamente masculino, a partir do Decreto-lei 972/69 de 17 de outubro de 1969 que a feminização no mercado de trabalho nacional ocorreu de forma mais acentuada, além disso, ao se regulamentar a profissão, impulsionaram-se a abertura de faculdades de Jornalismo pelo país. Segundo Rocha (2004) essa foi uma das principais portas de acesso à mulher na profissão. O processo de profissionalização do jornalismo junto com as transformações do mercado de trabalho no século XX favoreceram a entrada gradativa das mulheres nas redações. Atualmente elas já ocupam 63,7% dos postos de acordo com a pesquisa realizada pelo programa de pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 2.731 jornalistas brasileiro (MICK; LIMA, 2013). O estudo também apontou que na faixa etária entre 18 e 30 anos, as mulheres representavam 69% da categoria.

O movimento de ocupação das vagas nas redações não aconteceu de forma igualitária para homens e mulheres com relação aos cargos, forma de contratação, salário, faixa etária e formação profissional. A predominância quantitativa das mulheres no mercado de trabalho formal e informal não dá conta de ajustar as desigualdades presentes na divisão do trabalho.

> O percentual de homens em funções de maior renda é duas vezes maior que o de mulheres: 17,8% dos homens têm renda superior a 10 mínimos, e apenas 8,7% das mulheres. Na categoria, homens 51,8% dos que têm salários entre 10 e 20 mínimos e 64,4% dos que ganham

mais de 20 mínimos (MICK; LIMA, 2013, p.47).

Em 2012, somente 59,8% dos profissionais da mídia tinham carteira assinada, já no setor “fora da mídia” 61% não tinham o registro na carteira de trabalho (LIMA; MICK, 2013). Leite (2015) ao analisar o setor formal do mercado de trabalho aponta que a representação feminina passa a ser de 45,42%, o que sugere que uma parcela considerável das mulheres jornalistas está envolvida em relações precárias de trabalho do setor informal do mercado. Já os estudos sobre o impacto das mulheres no mercado de trabalho jornalístico ainda são incipientes, quando se fala em particular do Paraná, se tem ainda menos informações sistematizadas.

Na tentativa de organizar e contribuir com dados sobre a participação feminina no mercado de trabalho jornalístico pontagrossense, a presente pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem como base o mapeamento feito pelo projeto Observatório de Gênero: Jornalismo e mercado de trabalho. O levantamento ocorreu entre agosto de 2016 a abril de 2017, e buscou levantar a equipe de jornalismo nos meios de comunicação da cidade, com recorte nos impressos, rádios, emissoras de televisão. É válido mencionar que não há dados sistematizados pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Frente ao mapeamento do mercado em jornalismo local, a pesquisa tenta apresentar uma análise de produções jornalísticas locais que contemplam a presença feminina.

Materiais e Métodos

O objetivo da pesquisa é refletir sobre as transformações no mercado de trabalho em Jornalismo considerando o processo de trabalho, a inovação tecnológica, os agentes envolvidos, o conhecimento em Jornalismo e a feminização da profissão articulado à perspectiva de gênero e processo de produção jornalística. Para isso, a criação da coluna denominada de “Observatório”, no site Elos <https://elos.sites.uepg.br/category/observatorio/ > teve por função principal trazer a reflexão sobre as transformações do mercado de trabalho em jornalismo em Ponta Grossa sob a perspectiva de gênero e a participação feminina nos postos de trabalho de acordo com a segmentação das mídias em dois formatos: online e Tv.
Inicialmente seriam analisados os materiais produzidos por todos os veículos de comunicação mapeados na pesquisa anterior (2016-2017), “Observatório de Gênero: jornalismo e mercado de trabalho, mapeamento da participação feminina no jornalismo de Ponta Grossa”. Entretanto, encontrou-se dificuldades ao buscar os conteúdos produzidos pelos veículos da cidade, pelo fato de que em alguns casos não existe um ‘banco de dados’ que possibilite a busca após a veiculação. Exemplo das rádios de Ponta Grossa, ou até mesmo nas Tv’s, como no caso da Rede Massa, em que o site não é atualizado com frequência, não sendo possível a análise semanal dos conteúdos.

Desta forma optou-se por restringir a busca dessas pautas em apenas dois dos veículos da cidade, por disponibilizarem o conteúdo na internet, possibilitando a análise semanal do conteúdo veiculado. Foram eles: o jornal impresso Diário dos Campos, que tem um grande fluxo de conteúdo no seu site, e a emissora de televisão RPC Ponta Grossa, que atualiza o site com todas as reportagens apresentadas nos jornais.

O corpus de análise eram reportagens que envolviam pautas relacionadas a questões de gênero. Foram produzidos 14 textos que pretendiam identificar se as transformações do jornalismo (organização do trabalho, modelo de gestão, novas plataformas, maior participação feminina nas redações) vem alterando a concepção do produto jornalístico no interior e suas práticas sociais, reconhecer empiricamente a mulher no mercado de jornalismo regional e local, o desempenho da profissional e suas interfaces com as transformações. A coluna seguiu a mesma metodologia do Projeto de Monitoramento da Mídia Global (WACC). A intenção era mapear e sistematizar um panorama de jornalismo regional e local sob a perspectiva de gênero e acompanhar a produção midiática contextualizando a participação feminina na produção de conteúdo (autoria, temas, editorias, fontes consultadas entre outras categorias).

Resultados e Discussão

Foram produzidos 14 textos com analises de diferentes matérias dos veículos “Diário dos Campos” e “RPCTV”, entre os meses de agosto de 2017 e junho de 2018. Desta forma, pode-se eleger os temas que mais apareceram e qual foi a abordagem que a mídia local deu para cada um deles. A violência é a questão que mais apareceu, em 12 dos 14 textos. Nestes casos, há uma variedade de aspectos, violência de gênero, psicológica, física, patrimonial e moral. Destes 12 caso, 10 é o número de vezes em que a violência era contra uma mulher. Em vários momentos, estas mulheres morreram, entretanto, apenas em três ocasiões as matérias utilizaram o termo “feminicídio”.

Aproximadamente 70% do conteúdo estudado não trazia contextualizações na perspectiva de gênero e deixavam as matérias com informações rasas, sem muitos detalhes dos casos. Estas são as mesmas matérias em que a figura da mulher tem pouco ou nenhum destaque na narrativa dos fatos, sendo colocada sempre em segundo plano na hierarquia de informações. Quando se coloca a mulher com alguma visibilidade, se coloca uma certa “espetacularização dos fatos”, o que também não se enquadra da perspectiva igualitária de gênero. Aqui também se pode observar como as mulheres ainda são tratadas como sendo sempre as vítimas, raras as vezes em que aparecem como fontes especialistas, tirando quando é uma reportagem especial sobre mulheres.

Das que trazem um pouco de perspectiva de gênero, pode-se destacar a série de reportagens produzidas pelo telejornal Paraná TV sobre violência contra mulher, em que se colocam dados atualizados sobre a violência, especialistas, depoimentos e assim conseguem colocar um tema importante em debate, apresentando a problemática dos fatos para contextualizar e passar informações de serviço para a população.

Do total, apenas 2 tratavam de outras minorias como a população negro e transsexual. A primeira somente entrou em pauta nos jornais por ser uma referência a uma data comemorativa, apesar de trazer uma boa discussão sobre a representatividade negra na sociedade; a segunda foi mais um caso de violência na região, que sem contextualização nenhuma e sem nem passar perto da perspectiva de gênero o jornalismo acaba ferindo mais uma vez os direitos deste grupo.

Conclusões

Sob a interpretação dos dados obtidos a partir da análise, pode-se afirmar que o jornalismo ainda não trabalha com uma perspectiva que dê contra de abordar de forma satisfatória o gênero. É importante salientar aqui, que uma matéria com mais caracteres ou mais espaço no tempo do telejornal não a torna automaticamente um bom trabalho sobre as diferenças de gênero.

Deve-se admitir que o jornalismo, com o passar dos anos, vem evoluindo com relação ao assunto, entretanto, ainda há um longo caminho a se percorrer e se discutir. Há a necessidade de mais espaço para as discussões de gênero, deve-se valorizar as mulheres como fontes especializadas que podem contribuir para a contextualização das histórias e se tem a urgência de começar a tratar as situações por seus nomes corretos, como o "feminicídio". O jornalismo deve procurar estar sempre atualizado nas discussões e deixar de contribuir para a desinformação da população.

Agradecimentos

Agradeço em especial a Professora Paula Melani Rocha, por confiar e apoiar esta pesquisa de forma que contribuísse para meu crescimento acadêmico e profissional. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por financiar e apoiar esta e outras pesquisas.

Referências

LEITE, A. T. B.. **Profissionais da mídia em São Paulo: Um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo**. São Carlos: UFSCar, 2015. 232p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características demográficas, políticas e do trabalho. Florianópolis: Insular, 2013.

PONTES, F. S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. 2º Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. Guarapuava: Unicentro, junho 2016.

ROCHA, Paula. **A mulher jornalista no estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira.** São Carlos: UFSCar, 2004. 241 p.Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.